



ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA: a crônica como gênero de expressão e informação

Giuliana Pires do Nascimento¹
Alice Regina Pacó de Souza²

RESUMO

O presente estudo busca analisar características do gênero jornalístico e literário; crônica como instrumento de informação por meio das técnicas jornalísticas e meio de expressão de pensamentos, sentimentos e opiniões adotando métodos linguísticos e funções utilizadas na literatura para constituir uma estória. O texto discute as problemáticas da crônica que desde seu surgimento possui características tão singulares que apresenta teor indefinido e reúne tantos fragmentos do jornalismo e da literatura que gera dúvidas ao entender o que de fato se trata este conteúdo e principalmente, como ele consegue ser explicativo, simples e objetivo como o texto do jornalismo, mas ainda assim, sensível, poético e minucioso como o texto literário. A divisão desta pesquisa parte dos aspectos históricos para explicar os primórdios da crônica e apresenta autores que a construiu no Brasil, entra em análise de crônica do aclamado cronista Rubem Braga, apresenta aspectos e características de sua estrutura e por fim parte para comparativos entre autores demonstrando como os mesmos tornaram possível toda a junção resumida num gênero mutável.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; jornalismo; literatura; gêneros textuais.

1 INTRODUÇÃO

Entre os diversos gêneros do jornalismo e da literatura temos a crônica, gênero textual genuinamente brasileiro, nascido junto com as primeiras descrições sobre a colonização no Brasil e transformado ao longo do tempo garantindo seu espaço onde quer que atue, dos folhetins, aos jornais, livros e atualmente até à própria *Internet*, onde já é possível encontrar reproduções de diversos textos clássicos mais acessíveis, até textos inéditos com autores de todas as idades que fazem uso do *cyber* espaço para obter seu lugar de fala. A crônica caminha com a história mostrando-se cada vez mais adaptável e sua capacidade de caminhar com o tempo, além de descrevê-lo é o que a torna ainda mais adotada.

¹ Graduanda do Curso de Jornalismo da Faculdade Boas Novas (FBN), e-mail: giulianafletcher@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, e-mail: profalicesouza@gmail.com



Diante de todo o contexto híbrido que existe por trás da aparente simplicidade neste texto tão curto, direto e passageiro, existem também diversas problemáticas na definição do que é ou não crônica, ao que ela realmente pertence (jornalismo ou literatura) e como ela por fim consegue empregar tantas características a ponto de ser capaz de exercer as funções expressivas e informativas de modo que o cronista não perca sua liberdade e que o texto não seja literalmente moldado pela linguagem jornalística ou literária.

A problemática do tema abordado no decorrer da análise discurrida neste artigo se dá englobando as complexidades encontradas em diversos relatos de autores estudiosos do tema e até mesmo dos próprios cronistas, este é um debate que segue até hoje. A hipótese está relacionada às possibilidades de este gênero ser capaz de caminhar entre o universo informativo e ainda assim ser pessoal, opinativo, transitório. Este artigo se justifica na atuação e formação da crônica contida em registros históricos, análises, comparativos e questionamentos que permeiam a incerteza de um texto certo de sua falta de limitação.

2 CRÔNICA: O CONCEITO E HISTÓRIA DO GÊNERO HÍBRIDO

A transitoriedade no texto sem permitir a perda do sentido, informação completa ou emoção da história é uma das grandes características presentes na crônica, gênero desafiador que caminha entre o jornalismo por meio do seu gênero opinativo e conta com características literárias que por vezes abre as camadas do objetivo jornalístico em ser direto e cria caminhos líricos, dando sentido a pequenas observações, relatos ou sentimentos que normalmente, na elaboração padrão de um texto informativo, não agrega valor ou sentido.

Segundo José Marques de Melo (2003), a crônica geralmente parte do fato que gera impacto, indignação ou reflexão e no seu desenvolvimento toma corpo literário "A crônica de costume se valia do real com "deixa" ou como inspiração para um relato poético ou para uma descrição literária". Para José Castello (2013, p. 16), o resultado da crônica está muito aliada a atitude e desejo do cronista "não deseja retratar ou capturar o real, mas recortá-lo e reinventá-lo", além disso, ele também considera que os acontecimentos reais utilizados pelos jornalistas como principal objetivo e meio para desenvolvimento do seu texto são diferentes para o cronista que usa o fato como meio para criação e organização de suas ideias "o cronista se atém às miudezas, aos eventos menosprezados, ao resto de realidade e deles se alimenta".



Apesar disso, muitos cronistas são também jornalistas, independente da ordem na qual exercem estas funções o casamento entre visões literárias e informativas é bem nítido, começando por Rubem Braga (1913-1990) considerado mestre e mentor da crônica no Brasil, mas também jornalista ativo com cerca de 60 anos de carreira e mais de 15 mil crônicas escritas ao longo da vida. Também temos como contribuintes na história desse gênero no país: Rubem Alves, Nelson Rodrigues, Lima Barreto, Clarice Lispector e tantos outros que transitando entre estas visões diferentes, porém complementares, transformaram a crônica rica em características singulares notáveis a partir do ano de 1930. Independente do que faz jornalistas/cronistas, independente da ordem de execução dessas atividades, a crônica é um texto que explica um fato, mas que introduz elementos sensoriais para quem lê, é certo que este gênero é tão amplo e original pois, de fato, nele jornalismo e literatura complementam-se:

A literatura do jornal. O jornalismo da literatura. É a pausa da subjetividade, ao lado da objetividade da informação do restante do jornal. Um instante de reflexão, diante da opinião peremptória do editorial. [...] É, pois, a expressão jornalístico-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir. A crônica é o samba da literatura (TÁVOLA, 2001?).

Normalmente a associação da palavra “crônica” derivada do termo latim “chronicus” é de tempo, que na verdade é seu real significado, isso porque desde o princípio uma das principais características deste é de registrar um fato num determinado tempo, registrando história e contando com recursos cronológicos para narrar. Desde a Idade Média os descobrimentos de outras terras por europeus eram descritos neste formato que em ordem de cada fato apresentava a história numa espécie de carta, mas que também lembrava um documento. Um dos principais exemplos que temos deste período onde colonizadores europeus tomavam o lugar de fala do povo brasileiro contando suas aventuras, é o próprio registro de Pero Vaz de Caminha sobre o descobrimento do Brasil:

(...) A terra em si é muito boa de ares, tão frios, e temperados, como os de Entre Douro e Minho, porque, neste tempo de agora, assim ao achávamos como os de lá. Águas são muitas e infindas. De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. (CAMINHA, 1999, p. 61).

Segundo Sá (1997, p. 6) ele tomou a posição de observador e redigiu suas próprias observações sobre a cena histórica:



A observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é criada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial.

É neste período que outros portugueses além de Caminha documentavam suas viagens e observações em relatos breves e que além de serem documentos históricos, já possuíam características fortes da própria crônica como conhecemos atualmente. Outros personagens de grande importância na consolidação da crônica no Brasil são os jesuítas que utilizavam a narrativa cronológica para registrar o que haviam visto e vivido durante os passos da catequese indígena. Francisco Anchieta, Manuel da Nóbrega e Fernão Cardim são alguns dos nomes religiosos que em suas missões utilizavam da narrativa para documentar suas vivências e resultados. Os textos produzidos por eles são considerados crônicas precursoras:

O clima do Brasil geralmente é de bons, delicados e salutíferos ares, donde homens vivem até noventa, cento e mais anos; geralmente não tem frios, nem calores, ainda que no Rio de Janeiro até São Vicente há frios e calores, mas não muito grandes. Os céus são muito puros e claros, principalmente à noite. O inverno começa em março e acaba em agosto, o verão começa em setembro e acaba em fevereiro. (Cardim. 1978, p. 25).

Os anos que sucederam toda a ocupação europeia e as demais transformações no país, trouxeram mudanças diversas para a crônica, transformando a estrutura usada por Caminha e pelos jesuítas, e tomando corpo de texto único, com linguagem mais simplificada e narrativas cada vez mais próximas das reais vivências diárias de qualquer pessoa. As publicações ocorriam em folhetins, originário do feuilleton da França, que no início do século XIX ocupava o rodapé com o objetivo de entretenimento. Conforme afirma Melo, foi no folhetim que a crônica realmente passou a ser considerada no jornalismo “é através do folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro” (MELO, 2002, p. 151). Mesmo com o conteúdo informativo e maior teor jornalístico, o texto fazia grande uso de diversas ferramentas da literatura, já que naquela altura eram escritas em grande maioria por literatos. Isso se deu especialmente com o fato de os jornais tornarem-se diários, impulsionando também o costume da população em acompanhar publicações diversas todos os dias, costume também validado para as publicações de crônicas diárias, muitas vezes em estilo de séries, já que as histórias soavam como conversas contínuas que permaneciam sendo publicadas a cada dia, dando aspecto de capítulo do cotidiano de quem a escrevia.



O formato da crônica como a conhecemos na atualidade deve-se muito ao episódio que modificou o estilo e o transformou de uma vez por todas tornando-o incomparável, a Semana da Arte Moderna, de 1922, onde transformações linguísticas e estilo com enfoque nas temáticas brasileiras foram apresentados à diversos escritores que tomaram aquele momento para impulsionar suas produções que finalmente consolidaram a crônica nos anos seguintes da maneira como a conhecemos, ou com a incerteza e transversalidade que ela certamente insiste em imprimir, como afirma o aclamado trecho de Machado de Assis:

“Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue está começada a crônica. (MACHADO, 1994?).

3 ELEMENTOS DA FUSÃO: LITERATURA E JORNALISMO

Logo é possível perceber que a singularidade da crônica, gênero narrativo, traz uma visão relatada que tanto informa, como faz o texto jornalístico, quanto desperta o humor, emoções e curiosidade no leitor, como em qualquer outro gênero pertencente à literatura.

O leitor da crônica é tido como uma testemunha ou alguém no papel de ouvir um segredo de informação ou ato tão confidencial que não apenas toma conhecimento daquilo, como também se identifica, se emociona, sente-se imerso neste fato narrado de forma tão particular

Aonde é possível encontrar personagens na maioria das vezes anônimos, geralmente com poucas características descritas, mas vivendo situações extremamente específicas e altamente impactantes na descrição do autor.

Do jornalismo a crônica traz o cotidiano, o teor do texto que notícia e que geralmente se trata de situações corriqueiras. Da literatura o gênero traz a linguagem, o estilo, a personalidade que em tese o jornalismo com sua imparcialidade informacional não apresenta. A reunião destes resume-se a um texto curto, profundo e objetivo, e geralmente destina-se a jornais, revistas, também está presente em textos de rádio e TV, além de atualmente ser publicado em sites, blogs, páginas de redes sociais e em muitos casos organizado com outros textos em livro que se caracterizam como coletâneas de crônicas.



Na análise "Crônica - Gênero entre o jornalismo e a literatura" por Alfredina Nery, publicada no site UOL Educação, com data indisponível, a autora analisa a famosa crônica "Recado ao Senhor 903", de Rubem Braga (1991) como uma crítica à desumanização na cidade grande:

Recado ao Senhor 903

“Vizinho,

Quem fala aqui é o homem do 1003. Recebi outro dia, consternado, a visita do zelador, que me mostrou a carta em que o senhor reclamava contra o barulho em meu apartamento. Recebi depois a sua própria visita pessoal – devia ser meia-noite – e a sua veemente reclamação verbal. Devo dizer que estou desolado com tudo isso, e lhe dou inteira razão. O regulamento do prédio é explícito e, se não o fosse, o senhor ainda teria ao seu lado a Lei e a Polícia. Quem trabalha o dia inteiro tem direito a repouso noturno e é impossível repousar no 903 quando há vozes, passos e músicas no 1003. Ou melhor; é impossível ao 903 dormir quando o 1003 se agita; pois como não sei o seu nome nem o senhor sabe o meu, ficamos reduzidos a ser dois números, dois números empilhados entre dezenas de outros. Eu, 1003, me limito a Leste pelo 1005, a Oeste pelo 1001, ao Sul pelo Oceano Atlântico, ao Norte pelo 1004, ao alto pelo 1103 e embaixo pelo 903 – que é o senhor. Todos esses números são comportados e silenciosos: apenas eu e o Oceano Atlântico fazemos algum ruído e funcionamos fora dos horários civis; nós dois apenas nos agitamos e bramimos ao sabor da maré, dos ventos e da lua. Prometo sinceramente adotar, depois das 22 horas, de hoje em diante, um comportamento de manso lago azul. Prometo. Quem vier à minha casa (perdão: ao meu número) será convidado a se retirar às

21h45, e explicarei: o 903 precisa repousar das 22 às 7 pois as 8h15 deve deixar o 783 para tomar o 109 que o levará até o 527 de outra rua, onde ele trabalha na sala 305. Nossa vida, vizinho, está toda numerada: e reconheço que ela só pode ser tolerável quando um número não incomoda outro número, mas o respeita, ficando dentro dos limites de seus Algarismos. Peça-lhe desculpas – e prometo silêncio.

[...] Mas que me seja permitido sonhar com outra vida e outro mundo, em que um homem batesse à porta do outro e dissesse: ‘Vizinho, são três horas da manhã e ouvi música em tua casa. Aqui estou’. E o outro respondesse: ‘Entra vizinho e come do meu pão e bebe do



meu vinho. Aqui estamos todos a bailar e a cantar, pois descobrimos que a vida é curta e a lua é bela’.

E o homem trouxesse sua mulher, e os dois ficassem entre os amigos e amigas do vizinho entoando canções para agradecer a Deus o brilho das estrelas e o murmúrio da brisa nas árvores, e o dom da vida, e a amizade entre os humanos, e o amor e a paz. ”

3.1 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO E CARACTERÍSTICAS TEXTUAIS

A linguagem utilizada para externar a intenção é ressaltada pela autora, Alfredina Nery, que afirma que apesar de utilizar da ironia para expressar seus pensamentos, Braga reconhece o erro decorrente do barulho causado pelo personagem, narrado em primeira pessoa, fazendo o uso de afirmações como “peço desculpas” e “prometo silêncio” mesmo que este aparentemente arrependido narrador, na verdade, discorde da situação. Nery, afirma que a discórdia é totalmente explícita especialmente pelo incômodo do narrador com a distância entre os vizinhos “critica o isolamento e a distância entre as pessoas cujas vidas estão limitadas pelas normas que cerceiam o convívio humano; sonha com outra relação mais humana e fraterna, entre as pessoas...”. Além disso, o teor de ironia é fortemente presente em todo o relato narrado, visto que a ironia é bem utilizada e presente no jornalismo, especialmente no jornalismo opinativo, gênero textual no qual a crônica está inclusa.

Ainda dentro da análise de Nery, podemos ver uma característica bem presente na crônica, anteriormente já citada; a falta de descrição dos personagens, que inclusive no texto de Braga não possuem sequer nomes ou gêneros definidos, e sim são chamados por números: O 903, o 1003, o 1001, o 1004. E mais indefinido ainda são os lugares aonde esses personagens enumerados habitam que também são descritos com números e posições geográficas partindo do conhecimento e ponto de vista do narrador (o 1003), que segundo Nery, intensificam a exclusão deste em relação aos demais moradores de forma sarcástica, demonstrando claramente sua a controvérsia em sua opinião, aí também vemos outra característica da crônica argumentativa.

Até o momento vimos características da crônica, características jornalísticas empregadas no texto, e a partir disso seguimos para a literatura contida na estrutura. Nery afirma que as escolhas linguísticas moldam o texto e até mesmo a intenção do autor, que faz contrastes entre as situações que possuem dualidade em seus sentidos, o uso de verbos no



pretérito perfeito do subjuntivo que aponta o desejo do autor por de trás de toda a formalidade e os demais recursos que incluem também o humor, e os artigos. Afirma Nery “mais do que saber o nome das classes da gramática - substantivos, adjetivos, artigos, advérbios, verbo, conjunção, pronome, preposição, numeral - é importante saber suas articulações na construção dos sentidos de um texto...” concluímos com base nas palavras de Nery a importância que da simplicidade bem colocada em um texto bem estruturado e bom uso da linguística torna a crônica um gênero, de fato, efêmero e ainda assim curto, objetivo e atraente.

4 A EXPRESSÃO E A INFORMAÇÃO: O RESULTADO DA JUNÇÃO

Compondo o jornalismo literário, jornalismo opinativo e a literatura, a crônica independente do período em que atua, sempre deixa a estranha sensação de um texto indefinido, mas tão próximo do real, do dia a dia, do homem comum, que mesmo com toda a sua peculiaridade é sempre aclamada e bem recebida, não apenas para quem lê, como também para quem a escreve. Às vezes o real propósito de definir tamanha imensidão e ao mesmo tempo todas as “banalidades” contidas neste gênero, por vezes conhecido como um gênero menor, tornam-se de fato uma situação certamente polêmica. Segundo afirmação de diversos autores, vários aspectos e características na crônica tornam inviável a definição da mesma como um grande gênero literário, apesar de diversas comprovações, Coutinho, por exemplo, é um destes autores que ao definir os grandes gêneros da literatura brasileira afirmou “aceite-se ou não a permanência da crônica, é certo que ela somente será considerada gênero literário quando apresentar qualidade literária, libertando-se de sua condição circunstancial pelo estilo e pela individualidade do autor” (COUTINHO, 1997, p. 123).

Em contrapartida, há quem defende que este é sim um gênero literário que apesar de possuir alguns pontos de desfavorecimento, merece todo o reconhecimento e prestígio, como por exemplo, afirma Rufatto, no artigo publicado *na extinta revista Entrelivros, nº 13, maio de 2006, da Duetto Editora:*

Ainda hoje há certa resistência em compreender a crônica como gênero literário específico. Esse equívoco talvez possa estar assentado num preconceito e num estereótipo. O preconceito advém de sua dupla origem plebeia: nascida nas páginas dos jornais, veículo utilitário e descartável, é cultivada em troca de um salário no final do mês. Nada mais abominável para aqueles que imaginam um ofício aristocrático para as letras. Já o estereótipo é aquele que reduz a crônica a “um comentário ligeiro a respeito de assuntos cotidianos, vazado numa linguagem simples e direta”, como se “ligeiro” fosse sinônimo de “superficial”, “assuntos



cotidianos” fossem “irrelevantes” e “linguagem simples e direta” equivalesse a “linguagem pobre e reducionista” [...] (RUFFATO, 2006, p. 1).

Na contemporaneidade este gênero textual permanece sendo um dos principais com características brasileiras, e apesar de todas as transformações que vem sofrendo ao longo do tempo, a crônica ainda se baseia no relato de um acontecimento que marca um tempo, um momento na história, mas também deixa as marcas de originalidade do autor que a produz, causando impactos diferentes em cada leitor. Partindo do princípio de funções de linguagem, uma das funções que certamente apresenta a *expressão* na crônica é a *função emotiva ou expressiva* tratando-se especialmente do texto escrito em primeira pessoa, fazendo bom uso da pessoalidade excessiva, apresentando emoções, anseios e reflexões, características que por vezes até se aproximam bem mais das raízes francesas que tinham a crônica como um texto mais voltado para o romance.

Características como estas são bem presentes nos textos da memorável Clarice Lispector que na sua busca por descobrimento entre a atuação jornalística e literária, utilizava especialmente a metalinguagem como instrumento de expressão, mas que também fazia uso da função emotiva/expressiva para narrar seus pensamentos, modo de ver o mundo, seu jeito de ser, sentir e viver como vemos em um de seus mais sensíveis relatos, na crônica “As Três Experiências”:

Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual. Eu quis ser mãe. Meus dois filhos foram gerados voluntariamente. Os dois meninos estão aqui, ao meu lado. Eu me orgulho deles, eu me renovo neles, eu acompanho seus sofrimentos e angústias, eu lhes dou o que é possível dar. Se eu não fosse mãe, seria sozinha no mundo. Mas tenho uma descendência para eles e no futuro eu preparo meu nome dia a dia. Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha. É fatal, porque a gente não cria os filhos para a gente, nós os criamos para eles mesmos. Quando eu ficar sozinha, estarei seguindo o destino de todas as mulheres. (LISPECTOR, Clarice. 2008. pp. 104 -106).

Da mesma forma, Clarice também fazia uso da função emotiva/expressiva para questionar a crônica, que a tal altura a própria autora ainda nem compreendia, ou nem mesmo era considerada, ou se considerava cronista. Como vemos em uma das suas mais lendárias citações “Vamos falar a verdade: isto aqui não é crônica coisa nenhuma. Isto é apenas. Não entra em gênero. Gêneros não me interessam mais.” (LISPECTOR, 1999. p. 347 “Máquina escrevendo”).

Visando todos os aspectos que compõe o texto carregado de intimidade, ponto de vista e poesia do autor, entendemos através de Clarice Lispector como é possível fazer uso destes relatos



narrando situações diversas de forma em que a personalidade fica explícita e junto a todos os demais recursos linguísticos e estruturais dão forma ao texto de crônica expressiva.

De volta para a área jornalística, também retornamos às obras de Rubem Braga, que como anteriormente já foi citado é um dos maiores nomes da crônica e também do jornalismo brasileiro já que ele atuou durante toda a vida em ambos. Tendo o jornalismo como base para sua escrita, mas sabendo transitar perfeitamente entre escritas mais íntimas, de visões mais pessoais, muitas das crônicas de Braga inclusive vieram, na verdade, de suas próprias experiências como repórter. Isso por vezes era visto em seus textos de forma que ele descrevia as vivências de um repórter, no caso ele mesmo, narrando seu cotidiano em trechos como “outro dia eu estava na estrada à procura de uma reportagem...” (BRAGA, 2014, p. 144) e “esta reportagem não é, porém, baseada nas informações das autoridades aliadas. Eu a fiz pessoalmente, e gastei um dia visitando lugares e conversando com as pessoas” (BRAGA, 2014, p. 278), essas e outras afirmações em textos que deixavam o leitor a par de sua dupla atuação e tornavam a função de imersão nestas histórias ainda mais intensa.

Visando toda a exploração de Braga dentro do gênero textual vasto que é a crônica e toda a sua fácil adaptação e aparente conforto para ir e vir entre suas atividades enquanto repórter e de repente cronista, é possível entender a dimensão da crônica e até justificar todos motivos para ela de fato ser um assunto complexo, de difícil entendimento, mas ainda assim de aparentemente facilidade de transição para o universo paralelo de fontes ilimitadas para quem a utiliza já que tanto para Lispector, quanto para Braga, a crônica e o jornalismo caminharam por suas vidas de mãos dadas.

5 CONSIDERAÇÕES

Segundo o autor Wellington Pereira, a crônica é como um extenso campo de vida para diversas formas de se escrever uma história, ou como ele mesmo afirma “um território livre no qual vão habitar várias linguagens” (PEREIRA, 1994:126). Um verdadeiro enigma que acompanha as transformações do mundo, da escrita, do jornalismo, da internet, da vida cotidiana. Talvez por este motivo os folhetins tenham sido apenas pontes para lançar este texto que já nasceu sendo para ser ocupado muito mais do que apenas pelo entretenimento, assim como também jamais seria capaz de existir apenas para informar, para narrar o tempo, registrar os fatos ou até mesmo para ser espaço de expressar o que em outros gêneros não é



permitido dizer, ou que por vezes até é, mas de forma tão limitada, fechada, comprimida que torna este espaço um verdadeiro paraíso para escritores e jornalistas.

Vimos no decorrer desta pesquisa o quanto a amplitude da crônica é verdadeira e como de fato este é um gênero espaçoso, que não se contenta em ter uma só função ou uma só definição, ele dança no seu próprio ritmo sem nunca perder o estilo. Além disso, independentemente da existência de diversos tipos de crônica, cada autor dá sua voz, seu estilo e vida e consegue de forma única destacar seu olhar através das diversas possibilidades dos usos linguísticos descritos na análise feita neste texto.

A problemática descrita no início demonstrou-se tão pertinente quanto os diversos debates feitos ao longo de toda a existência deste gênero que nitidamente não se encaixa em definições exatas e claramente se mostra transitório, dependendo muito de quem o compõe, de formação (jornalística ou literária), de opinião, de intenção e até do contexto histórico, político e social no qual o autor que narra determinado fato ou situação se encontra. Já que a crônica de fato caminha com a brevidade dos acontecimentos do mundo.

Por fim, o mais interessante de se analisar é a possibilidade de uma real singularidade no conteúdo textual, além dos aspectos históricos e culturais que tornaram a crônica um gênero verdadeiramente brasileiro e rico em autores das mais diversas classificações compondo o grupo de literatos e jornalistas que se encontraram no incompreensível e cativante gênero que é a crônica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta ao rei Dom Manuel**. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional/

CASTELLO, José. **200 Crônicas Escolhidas de Rubem Braga**. Edição comemorativa, seleção por Fernando Sabino, 2013.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil. vol. 6, Parte III – Relações e Perspectivas**. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 4. ed. São Paulo: Global, 1997.



LISPECTOR, Clarice. **Todas as Crônicas**. Rocco; 1ª edição. Compilado por Pedro Karp Vasquez, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MEC, 1978. 259 p. (Série Brasileira, vol. 168). Publicado originalmente em 1625.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3º ed. revista e ampliada. Campos do Jordão: Ed. Maniqueista, 2003.

NERY, Alfredina. **Especial para a Página 3 - Pedagogia e Comunicação**. Uol Educação, disponível em:

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.htm>. Acesso em: 25 out. 2021.

PEREIRA, Wellington. Crônica. **Arte do Útil ou do Fútil?** João Pessoa – PB. Idéia Editora Ltda, 1994.

RUFATTO, Luiz. **Ligeira, sim; superficial não**. *Artigo publicado na revista Entrelivros nº 13, maio de 2006, Duetto Editora. Disponível atualmente no blog: [Lucia Afonso: A Literatura Brasiliense](#), com publicação realizada em 28, fev, 2008. Acesso em: 02, nov. 2021.*

TÁVOLA, A. **Literatura de jornal (O que é a Crônica)**. Jornal O Dia, Rio de Janeiro, 27 jul. 2001.